

## O Ocidente em textos mesopotâmicos e bíblicos

O nosso objecto de estudo situa-se obviamente na Alta Antiguidade. Poderíamos mesmo dizer que nos leva ao tempo em que termina a Pré-história para se iniciar a História, caracterizada, como se sabe, pela escrita. É obviamente uma época obscura, onde dificilmente podemos penetrar, mas apaixonante para o espírito humano, sempre ávido de conhecer o passado e as nossas raízes mais distantes. Torna-se atractivo o desafio de procurarmos as primeiras informações escritas sobre o extremo Ocidente, que era considerado na alta antiguidade como o fim do mundo. Ora as poucas fontes que existem são mesopotâmicas e hebraicas, sem querermos olvidar a importância da documentação da Grécia arcaica, ou seja nos séculos VII e VI a.C., de que não podemos ocupar-nos agora, como havíamos pensado. Que nos desculpem Hesíodo, Estesícoro, Hecateu de Mileto e outros como Estêvão de Bizâncio, etc. A partir daí, não falta documentação acessível e por muitos estudada.

### Fontes mesopotâmicas

Comecemos por uma referência a uma tabuinha de argila do século VII a.C. conservada na British Library, onde os assiriólogos que a estudaram como Meissner, Labat, Georges Roux e outros vêem um mapa-mundi. A terra é aí representada por uma circunferência rodeada de água, o chamado rio amargo, *narû marratu*. Não será necessário descrevermos essa tabuinha de argila, mas convém recordarmos que nos dá curiosas informações em legendas cuneiformes, escritas em pequenos triângulos no exterior da circunferência. Por curiosidade refira-se que o extremo norte da terra é descrito

como «o país onde nunca se vê o sol», o que parece sugerir que os Babilónios já tinham ouvido falar da noite ártica, como pensam Meissner e Labat; o extremo do Ocidente, por sua vez, é descrito como uma região «onde a ave em voo não pode terminar o seu caminho», isto por se tratar de uma região extremamente inóspita, digamos inabitável, à semelhança do que mais tarde haviam de pensar os Gregos acerca do extremo Oriente <sup>1</sup>.

Recordemos que os companheiros e conselheiros de Alexandre Magno aconselharam-no, após terem chegado à Índia, a não prosseguir a sua expedição militar para as terras misteriosas do Oriente com medo dos perigos que aí encontrariam. Estamos em presença de uma geografia mítica, reveladora de uma ideia muito vaga acerca dos dois extremos do mundo. Mas o que nos importa aqui acentuar é que, no imaginário da época, esta nossa região, a mais ocidental, aparecia como uma grande nebulosa de um mundo incógnito. E digamos que o medo e o mistério era ainda maior quando as populações da época contemplavam a imensidade do Oceano. Era o mar imenso habitado por monstros, o reino de deuses terríveis, como Saturno, filho de Cronos adorado no cabo de S. Vicente, como nos informa Avieno na sua famosa *Ora Marítima*.

Mas deixemos essa divagação que nos levaria muito longe para voltarmos ao nosso primitivíssimo mapa da Mesopotâmia, que, no pensar dos seus estudiosos, nos remete para a expansão territorial de Sargão de Acad, o fundador do primeiro império conhecido. Efectivamente pelo ano 2374 a.C., esse soberano criou um exército estável e organizado constituído por 5400 homens a quem sustentava diariamente, como ele próprio informa. Tal permitiu-lhe conquistar as cidades do sul da Mesopotâmia e alargar consideravelmente as suas fronteiras. Avançou para Dilmun, ilhas situadas no fundo do golfo Pérsico, no actual Barein. Seguiu depois para norte através das margens do Eufrates e chegou ao Mediterrâneo, passando pelo território dos Cananeus.

Sobre essa actividade expansionista que causou espanto no mundo de então, não falta documentação da época. Salientamos

---

<sup>1</sup> G. ROUX, *La Mésopotamie*, Paris, Éd. Seuil, 1985, p. 309. O autor apoia-se no primeiro assiriólogo que estudou essa tabuína cuneiforme, B. MEISSNER, *Babylonien und Assyrien*, II, p. 379 e em R. LABAT, *La Science Antique*, p. 88. O exegeta bíblico P. E. TESTA, por sua vez, analisa a mesma tabuína estabelecendo a relação da tradição cultural da Mesopotâmia que se faz sentir no Génesis em *Genesis*, Roma, Maretti, 1969 pp. 192-193.

como exemplo a tal propósito uma informação que se lê numa tabuína encontrada na cidade de Nipur, documento escrito pouco depois dos acontecimentos da dinastia, onde lemos o seguinte: «*avançou até ao mar, onde lavou as suas armas*».

É digna de nota esta informação, pois sabemos que a preocupação em chegar ao Mediterrâneo foi uma constante não apenas deste soberano de Acad, pois continuaria mais tarde com os reis assírios. Neste caso, os guerreiros de Sargão lavaram as armas nas águas do mar, em gesto ritual que haveria de ser repetido por outros em diversas épocas. O reino de Sargão estendeu-se da Assíria ao golfo Pérsico e do Elam (Irão) ao Mediterrâneo. Por isso, não admira que ele e os seus sucessores fossem designados «reis das quatro regiões do mundo», «reis da totalidade»<sup>2</sup>.

Esta referência à época histórica dos reis de Acad tem por objectivo ajudar-nos a interpretar a seguinte inscrição, publicada já em 1920<sup>3</sup> e que não parece ter sido devidamente valorizada na historiografia da antiguidade: «*Anaku-ki, Kaptara-ki, as terras mais além do mar superior (Mediterrâneo), Dilmun, Magan as terras mais além do mar inferior (golfo Pérsico) e os países entre os quais nasce e morre o sol, que Sargão, o rei do mundo conquistou três vezes*».

Apesar do hermetismo desta linguagem, poderão retirar-se algumas informações, sendo a primeira que se trata de Sargão I. O «rei do mundo» não pode deixar de ser Sargão de Acad, que recebeu esse título dos seus contemporâneos e já apontámos as razões para tal. Aliás Meissner e outros não têm dúvidas quanto a isso. Não se trata de Sargão II, rei assírio do século VIII a.C. Prestemos atenção sobretudo aos nomes das terras do Mediterrâneo que pertenceram a esse rei: *Anaku* e *Kaptara*. Estes dois vocábulos, de um ponto de vista gramatical estão identificados, um e outro, por *ki*, um ideograma classificador que nos informa tratar-se de cidades (terras). No caso concreto, estas situam-se no «mar superior» ou seja no Mediterrâneo.

Que terras serão essas conhecidas pelos Mesopotâmios na dinastia dos Acádios, ou no fim de tal período, quando os «cronistas» da corte relataram os feitos dos seus soberanos para os enaltecere e imortalizarem? *Kaptara* é o mesmo que *Kaftor*, nome com

---

<sup>2</sup> A. A. TAVARES, *Impérios e propaganda na Antiguidade*, Lisboa, Ed. Presença, 1988, pp. 17-33; IDEM, *Civilizações Pré-clássicas*, Univ. Aberta, 1995, pp. 229-233.

<sup>3</sup> Esta inscrição foi publicada por O. SCHROEDER, *Keilsschrifttexte aus Assur*, 1920, n.º 92. linha 41.

que, na Bíblia, os Hebreus designavam Creta. Anaku, por sua vez, significa «terra do estanho», o que faz pensar que se trate de Tartessos (ou Tartesso, como alguns preferem) aonde chegava o estanho vindo das «ilhas do estanho» ou seja «Cassitérides», localizadas em região imaginada inicialmente nas costas norte-ocidentais da Hispânia e que se foi identificando depois de Estrabão com as Estrímnidas, de que adiante falaremos. Era aí que iam procurá-lo os Tartéssios, seguindo depois através do Mediterrâneo para o Médio Oriente. O conhecido arqueólogo e historiador J.M. Blázquez deu mesmo a um dos seus livros o expressivo título *Tartessos y los orígenes de la colonización fenícia en Occidente*.

Para a interpretação deste texto, é bom termos presente o seguinte: por um lado, os acontecimentos históricos na Mesopotâmia entre os séculos XXIV e XXII a.C. quando existem contactos de Sargão de Acad com o Mediterrâneo e quando os escribas da corte pretendem exaltar esse soberano, apresentando-o como «rei dos quatro cantos da terra», «rei da totalidade», «rei do mundo», portanto do Mediterrâneo aonde chegara com os seus guerreiros. Por outro lado, devemos ter presente a arqueologia da costa mediterrânica, nomeadamente da costa ocidental, que revela a existência de contactos comerciais entre o extremo Ocidente e a região do Mediterrâneo oriental. Por conseguinte, tendo presente o contexto histórico desta inscrição e os conhecimentos que vêm da arqueologia, é legítimo pensar que, além de Creta, temos aqui uma referência a Tartesso. Nesse caso, estaríamos em presença da mais antiga referência sobre o Ocidente.

Não deveremos deixar as terras da Mesopotâmia sem prestarmos atenção a uma outra inscrição, proveniente da região do Norte e de época mais recente<sup>4</sup>. É do reinado de Assaradão, soberano neo-assírio do século VII a.C., que se vangloria do seu poderio ao afirmar: «*Os reis do meio do mar, desde Yadana (Chipre) até Tarsi-si, ajoelharam-se diante de mim*».

Notemos que, neste caso, Tarsi-si é referida em conjunto com Chipre, tal como acontece no Antigo Testamento, designadamente em Gn. 10,4, texto que iremos ler adiante. Mas o que nos causará estranheza é a afirmação de que o rei assírio teria exercido o seu

---

<sup>4</sup> Inscrição publicada com o número 78 por MESSERSCHMIDT, *Keilsschrifttexte aus Assur historischen Inhaltes*, em 1911, estudada por vários autores. É de realçar o trabalho de J. B. TSIRKIN, «The Hebrew Bible and the Origin of Tartessian Power», *Aula Orientalis*, IV, Barcelona, 1986, pp. 179-185.

domínio sobre os reis da extremidade do mar, Chipre e Tartesso, pois não consta que Assaradão tenha alguma vez conquistado Tartesso. Recordemos entretanto que esse rei, tendo vencido Tiro por volta de 700 a.C. e estando Tartesso submetida aos Tírios, essa cidade ocidental ficava indirectamente sob a soberania da Assíria<sup>5</sup>.

### Fontes bíblicas

Será desnecessário e seria fastidioso indicar todas as referências vetero-testamentárias ao Ocidente, mas não deveremos omitir as mais antigas, que são também as mais significativas. Digamos desde já que se trata de referências ou simples alusões às nave que navegavam para Társis. É bem conhecida a expressão hebraica repetida nesses textos: *anyot Tarshisch*, ou seja «naves de Társis».

Começamos por ler Gn. 10,4, não por ser a mais antiga nem por aparecer no primeiro livro da Bíblia mas por nos permitir uma relação com a inscrição assíria de Assaradão de que antes falámos. Se não vejamos: o texto do Génesis aparece dentro de um quadro genealógico dos povos, onde o autor pretende afirmar a unidade da espécie humana, que ele organiza em grupos a partir de um tronco comum, que é o herói do Dilúvio, Noé, o pai de Sem, de Cam e de Jafet. Por outras palavras, descendem de Noé os Semitas (os habitantes do continente asiático), os Camitas (do continente africano), os Jafitas (os Europeus, como foram designados por muitos na época cristã). Ora, entre os filhos de Jafet, apontado como o antepassado da Europa, contava-se Javan, o epónimo dos Jónios, ou sejam os Gregos e informa a propósito que os «Filhos de Javan foram Elichá (Elisa), Társis, Quitim e Rodanim».

Não há especiais dificuldades em identificar estes nomes. Assim, Elisa é Cartago. Era esse o nome da princesa de Tiro, irmã do rei Pigmalião, que, em companhia de aristocratas, fundara essa cidade pelo ano a.C., segundo a tradição. O autor bíblico em vez de designar essa cidade por Cartago, que significa «cidade nova», designa-a pelo nome da fundadora. O que é curioso e digno de realce é que apresenta no mesmo quadro, ligados por parentesco, os quatro grandes centros do Mediterrâneo: Cartago, Tartesso,

---

<sup>5</sup> A. SCHULTEN, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, pp. 156-157. A. A.TAVARES, «Primeiras migrações para Ocidente, segundo as fontes escritas», *Estudos Orientais, I, (Presenças orientalizantes em Portugal)*, Instituto Oriental, Universidade Nova de Lisboa, 1990, pp. 13-25.

Chipre e Rodes. Devemos acrescentar que existem várias informações bíblicas coincidentes com esta localização. Parece óbvio que tem raiz na mesma tradição em que assentava a inscrição do rei assírio que antes citámos onde se lia: «os reis do mar, desde Chipre até Társis ajoelharam-se diante de mim», ou seja os reis das duas extremidades do Mediterrâneo»<sup>6</sup>.

É provável que nos venha ao pensamento a questão frequentemente debatida da localização de Tartesso, tema sobre o qual já alguma vez escrevemos e não vamos agora retomar expressamente<sup>7</sup>, mas pode dizer-se que, no presente estado de conhecimento do problema, não têm viabilidade as hipóteses de colocar Tartesso fora do extremo ocidental do Mediterrâneo. Parece entretanto razoável partirmos desta base para lermos o que escreveram os antigos Hebreus sobre Tartesso.

Curiosamente tanto os textos anteriores ao cativo da Babilónia (598 a.C.) como aqueles que se lhe seguiram sobre o Ocidente dizem sempre respeito a Tartesso. Parece mesmo que este nome resume, no seu conhecimento de todos os que escrevem, todo o Ocidente<sup>8</sup>. Efectivamente no Antigo Testamento, só encontramos uma referência explícita à Península Ibérica já no período romano, e isso a propósito das suas riquezas. De facto, referindo-se a Judas Macabeu, conta-nos o autor do livro, I *Mac.* 8,3.4: «falaram-lhe das suas guerras, das suas façanhas na Galácia que eles venceram e subjugaram e de tudo o que fizeram em Espanha, onde se apoderaram das minas de prata e de ouro que ali havia».

E que informações nos dão os livros bíblicos a propósito de Tartesso? São estas fundamentalmente:

1. «O rei Salomão tinha no mar navios de Társis que navegavam juntamente com os de Hiram. De três em três anos os navios levavam ouro, prata, marfim, macacos e pavões» (I *Re.* 10,22). Esta informação faz supor que Társis era muito distante e próxima da África ocidental, donde poderiam vir o marfim e os macacos.

---

<sup>6</sup> A. A. TAVARES, artigo citado na nota anterior, p.18. Ver também J. B. TSIRKIN, «The Hebrew Bible and the Origin of Tartessian Power», *Aula Orientalis*, IV, Barcelona, 1986, pp. 179-185.

<sup>7</sup> «Primeiras migrações para Ocidente segundo as fontes escritas», in *Estudos Orientais*, Universidade Nova de Lisboa, 1990 vol. I, p. 17 ss.

<sup>8</sup> Sobre Tartesso lendário e real ver F. JAVIER GÓMEZ ESPELOSÍN, in *Tierras Fabulosas de la Antigüedad*, Universidad de Alcalá, 1994, pp. 220-222.

2. Eram navios grandes destinados a longas viagens, de tal modo que eram designados por vezes, como «navios de Társis» aqueles que navegavam para Ofir, uma terra longínqua de localização incerta, mas seguramente situada a Oriente<sup>9</sup>.
3. Os Tírios já navegavam para Társis por volta do ano 1000 a.C., pelo menos na época de Salomão, que começou a reinar cerca do ano 970 a.C. Tais navios deviam ter sido construídos por Hiram, rei dos Tírios a expensas de Salomão. Ficaram conhecidas as estreitas relações do rei dos Hebreus com o rei dos Tírios, de grande importância nas actividades comerciais para ambos os reinos e para a construção do templo de Jerusalém. Podemos mesmo conjecturar que algum ouro ou prata do templo de Salomão tenha sido para aí levado de Tartesso<sup>10</sup>.
4. Entre as informações curiosas, é digna de registo aquela que extraímos do livro de Jonas, que é posterior ao Cati-veiro. O autor, ao apresentar a figura desse profeta rebelde, que não queria aceitar a vontade de Deus que o mandava pregar a Nínive (pois a religião monoteísta era destinada a todos os povos e não apenas aos Hebreus), conta que Jonas quis fugir para Tartesso. Para isso entrou num navio que partia de Jafa (não longe da actual Tei Aviv) e ia para Tartesso. É conhecido o resto da «história» em que, na realidade, é ridicularizado o profeta que se queria opor à vontade de Deus. Sabemos como a vontade de Deus prevaleceu. O que me apraz salientar aqui é que a terra «longínqua» para onde Jonas queria fugir era Tartesso.

Como síntese do que estamos a expor, é bom salientar-se que todas as informações provenientes dos escritos orientais (acádicos, assírios ou hebraicos) se referem ao Ocidente de forma genérica ou então mencionam algum ponto concreto, como é o caso de Tarsis (Tartesso) apontado sistematicamente como uma terra idealizada nos confins ocidentais, situada junto ao Oceano<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Alguns tradutores bíblicos, para não traduzirem por «navios de Társis» para Ofir, preferem mesmo traduzir por «navios de longo curso».

<sup>10</sup> A. A. TAVARES, *Civilizações Pré-clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 389-391.

<sup>11</sup> Ver F. XAVIER ESPELOSÍN, *ob. cit.*, p. 220.

### As viagens mediterrânicas nas origens das informações

Os primeiros testemunhos sobre o Ocidente encontram-se não só em escritos orientais mas também nos textos gregos da época arcaica. Encontramos aí informações vagas como aquelas que se lêem na *Odisseia* a respeito das terras mais além das Colunas de Hércules. Assim, na *Iliada* faz-se referência ao estanho e ao âmbar designado por mercadoria fenícia. E quando nos poemas homéricos se fala do Oceano, deve entender-se como o Atlântico, conhecido dos Fenícios e dos Focenses. Assim, na *Odisseia* (14,567), fala-se do zéfiro que soprava do Oceano e empurrava os barcos dos Tartéssios para o porto de Tartesso quando regressavam das Estrímnidas, terras (ou ilhas) de localização incerta, mas situadas, certamente, a norte, talvez na costa sul da Grã-Bretanha., na Irlanda ou costas da Bretanha.

Quanto a essas e outras informações, temos de nos interrogar sobre a sua veracidade. Que valor lhes podemos atribuir? É óbvio que os conhecimentos que os Orientais poderiam ter sobre o Ocidente deveriam basear-se naqueles que tinham experiências de navegação através do Mediterrâneo, mas esses não escreveram diários de bordo nem nos deixaram relatos de viagens, como viria a acontecer mais tarde. E nós perguntamos: e, se porventura escrevessem, seria possível reconstruirmos na actualidade, essas viagens? É evidente que não, pois os navegadores partiam de observações superficiais que poderiam dar origem a uma rudimentar cartografia de carácter descritivo, tanto mais imprecisa quanto mais se afastavam da costa. Assim se explica que apareçam nos primitivos relatos que nos vêm da alta antiguidade ideias vagas de «terra longínqua», de «confins do mundo»... linguagem que dificulta e por vezes impossibilita a identificação das regiões ou das ilhas ou terras mencionadas. Trata-se obviamente de uma geografia imaginária que, entendida à letra, nos conduziria a verdadeiras extravagâncias, como é o caso do mito da Atlântida<sup>12</sup>.

Entretanto quando as viagens através do Mediterrâneo tinham por objectivo a actividade mercantil ou se faziam ao serviço da colo-

---

<sup>12</sup> Sobre o tema das primitivas navegações e designadamente sobre o périplo de Hanão, ver S. MEDAS, «La primitiva navigazione fenicio-punica nell'Atlantico: considerazioni sui viaggi di esplorazione e sul Periplo di Annone», *Byrsa, Rivista di arte, cultura e archeologia del Mediterraneo punico*, La Spezia, Agorà Edizioni, 2003, I, pp. 13-48.

nização para Ocidente, já ficaram por vezes testemunhos arqueológicos que documentam tal navegação. E algumas dessas viagens são mesmo testemunhadas em documentação escrita, isto já a partir do III milénio a.C. quando se realizaram nas águas do Mediterrâneo oriental, mormente entre as cidades cananeias ou fenícias e o Egipto. Assim, refira-se à maneira de exemplo, um texto da 3.<sup>a</sup> dinastia, princípios do III milénio a.C., que regista a chegada de 40 barcos ao Egipto vindos de Gebel (ou seja Biblos) carregados com madeira de cedro. Também durante a 5.<sup>a</sup> dinastia, no reinado de Sahurê e na 6.<sup>a</sup> dinastia, no reinado de Pepi I, meados do III milénio, se fala em expedições de carácter bélico tanto por mar como por terra.

Sabemos igualmente que, a partir do século XVI a.C., as cidades da zona costeira do Mediterrâneo, mormente aquelas que ficariam designadas por fenícias, organizavam as suas actividades económicas em duas vertentes: a produção de bens de luxo, nomeadamente objectos com incrustações de marfim, tecidos e vestes multicolores, e desenvolviam a navegação, aperfeiçoando os seus barcos. O comércio organizou-se e esteve nas mãos não só de particulares mas também de empresas. Em Ugarit, por exemplo, conhecem-se firmas comerciais no século XI a.C. através da história de Wen Amon. E até somos informados de que em Sídon, uma firma possuía 50 navios.

Tudo isto para vermos como o Mediterrâneo foi percorrido por navegadores desde a Pré-história e seria navegado de forma constante pelos Fenícios a partir do século XII a.C. nas suas viagens comerciais. Efectivamente a partir dessa época as cidades fenícias foram integradas num vasto mundo dominado pelo império assírio não como colónias mas por vínculos que assentavam em acordos de carácter diplomático. Tinham de recorrer ao Ocidente para obterem cobre e sobretudo estanho, que lhes faltava no Oriente, a fim de abastecerem o império assírio que mantinha na época uma poderosa máquina de guerra. E o centro principal aonde vinham abastecer-se era Tartesso e aos portos que apoiavam as actividades comerciais desse grande centro, como era especialmente Gadir (ou seja Cádiz). Tartesso era o principal ponto de contacto com os comerciantes navegadores que aí chegavam pelo Mediterrâneo e porta aberta para o comércio com as regiões do Norte, aonde os Tartéssios se iam abastecer, principalmente do estanho, que era indispensável para a produção do bronze, pois é uma liga de cobre e de estanho.

Esses comerciantes navegadores eram exactamente os Fenícios, os primeiros a contactarem directamente com o Ocidente. A dar crédito a Estrabão, «já antes dos tempos de Homero, os Fenícios possuíam o melhor da Ibéria e da África... Pouco depois de Tróia, chegaram até mais além das Colunas de Hércules e fundaram ali cidades, assim como no meio do litoral africano»<sup>13</sup>.

Não será necessário continuarmos a falar das viagens mediterrânicas para reconhecermos que as informações que obtiveram aqueles que primeiro escreveram sobre o Ocidente provêm certamente desses primeiros navegadores. Outros iriam seguir-se, sobretudo a partir do século VII e mormente do século VI a.C., como foram os Sâmitas, os Focenses, os Ródios e os Púnicos. Todos estes permitiram novos conhecimentos sobre o Ocidente, que poderiam ser posteriormente transmitidos à posteridade por escritores gregos já a partir da época arcaica, e posteriormente por Gregos e Latinos da época clássica.

Seguramente esse saber prático dos marinheiros acumulado por gerações, seja de navegação costeira ou por alto mar, permitiu programar viagens para além das Colunas de Hércules e pelo próprio Atlântico, como foi o caso da viagem de Hanão ao longo da costa ocidental da África, viagem conhecida pelo manuscrito em grego da Alta Idade Média, conservado em Heidelberg e a viagem de Himilco que se dirigiu para Norte, seguindo as costas da Península Ibérica, da qual infelizmente não temos muitos testemunhos. Não valerá a pena referirmos outras viagens pelo Atlântico que terão ocorrido por casualidade, como aquela que terá levado os Púnicos, arrastados pelo vento para além das Colunas de Hércules, tendo chegado a uma ilha de excelentes qualidades que poderá ser a Madeira<sup>14</sup>.

Tais viagens, programadas ou não, para o Ocidente enriqueceram a experiência dos antigos navegadores. Sem o conhecimento do mar, das suas margens e das ilhas, que dessa maneira se foi acumulando e se foi transmitindo, pelo menos por tradição oral, não seriam possíveis os testemunhos que nos chegaram através dos antigos textos que, excepcionalmente surgiram no Oriente e de forma mais frequente, a partir do século VII a.C., no Ocidente.

A. AUGUSTO TAVARES

---

<sup>13</sup> Estrabão, III, 2, 14.

<sup>14</sup> O testemunho é de Diodoro da Sicília, V, 20. Ver sobre esta assunto A. A. TAVARES, *art. cit.* na nota 4.